



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC**  
**DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA - DH**  
**CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**ALEXANDRE JORGE FEITOSA**

**ADOÇAR, VESTIR E CALÇAR :UMA DISCUSSÃO  
HISTORIOGRÁFICA DA INDÚSTRIA NA PARAÍBA**

Campina Grande – PB

2010

**ALEXANDRE JORGE FEITOSA**

**ADOÇAR, VESTIR E CALÇAR: UMA DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA  
INDÚSTRIA NA PARAÍBA**

Artigo Científico apresentado à Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito para conclusão do curso de Licenciatura plena em História.

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Ms. Maria José Silva Oliveira

Campina Grande – PB

2010

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

F311a      Feitosa, Alexandre Jorge.  
              Adoçar, vestir e calçar [manuscrito]: uma discussão historiográfica da indústria  
              na Paraíba / Alexandre Jorge Feitosa. – 2010.  
              **19 f.**

**Digitado.**

**Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade  
Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2010.**

“Orientação: Profª. Ms. Maria José Silva Oliveira, Departamento de História”.

1. História da Indústria. 2. Paraíba. 3. Memória. I. Título.

21. ed. CDD 338

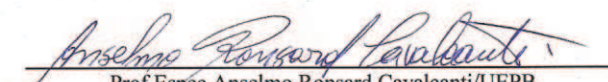
**ALEXANDRE JORGE FEITOSA**

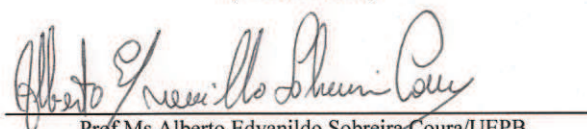
**ADOÇAR, VESTIR E CALÇAR:  
UMA DISCUSSÃO HISTORIOGRÁFICA DA INDÚSTRIA NA PARAÍBA**

Artigo Científico apresentado à Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, como requisito para conclusão do curso de Licenciatura plena em História.

Aprovado em: 09 / 12 /2010.

  
\_\_\_\_\_  
Profa. Ms. Maria José da Silva Oliveira/UEPB  
(Orientadora)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.Espéc.Anselmo Ronsard Cavalcanti/UEPB  
(1º Examinador)

  
\_\_\_\_\_  
Prof.Ms.Alberto Edvanildo Sobreira Coura/UEPB  
(2º Examinador)

Dedico à Deus.  
Aos meus pais.

## AGRADECIMENTOS

A construção deste trabalho só foi possível pelo engajamento, compreensão e ajuda de muitas pessoas. Assim, elaborar uma lista de agradecimento às pressas não é uma tarefa fácil, porque a impressão de que vou esquecer alguém. Contudo, vou enfrentá-la.

A Deus, Poderoso, assim mesmo com P maiúsculo.

Aos meus pais, sempre!

A Johan Henrique, milagre de percurso.

À Mainha (dona Bernadeth), por suas orações.

Aos meus amigos, os poucos que restaram.

À UEPB, pela acolhida durante todo esse tempo.

À professora Maria José Silva Oliveira, minha orientadora, pela orientação competente e atenciosa; que soube compreender a minha opção pela produção deste artigo científico como TCC e também pelas dicas indiscutivelmente úteis na realização deste.

Ao professor Alberto, pelos bons momentos de discussão teórica durante as aulas de historiografia.

Aos funcionários da biblioteca do CEDUC, seu Walter e Dona Gisele pela simpatia e compreensão.

E, finalmente, quero agradecer de maneira especial a KARLIANA, minha Bela, minha chatynha chata, meu amor, minha parceira, meu ombro amigo nas horas difíceis, copydesk das diversas versões deste artigo. P.s Te amo, assim Ó!

## EPÍGRAFE

“E, entrando ele no barco, seus discípulos o seguiram;  
E eis que no mar se levantou uma tempestade, tão grande que o barco era  
coberto pelas ondas; ele, porém, estava dormindo.  
E os seus discípulos, aproximando-se o despertaram, dizendo: Senhor,  
salva-nos, que perecemos.  
E ele disse-lhes: Por que temeis, homens de pouca fé? Então, levantando-se,  
Repreendeu os ventos e o mar, e seguiu-se uma grande bonança.  
E aqueles homens se maravilharam, dizendo: Que homem é este. Que até os  
Ventos e o mar lhe obedecem?”

(MATEUS, 8:23-27)

FEITOSA, Alexandre Jorge. **Adoçar, vestir e calçar: uma discussão historiográfica da indústria na Paraíba**. Artigo científico (Graduação). Curso de Licenciatura plena em História – Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande – PB – 2010.

## **RESUMO**

O presente artigo é resultado da experiência vivenciada no projeto de pesquisa *Memorial FIEP 60 anos-Seis Décadas de Ações Transformadoras*, realizado nos anos de 2008 a 2009. Tal realização teve como objetivo a organização e a modernização do acervo iconográfico da FIEP. Além da escrituração de um livro comemorativo, resultado de um extensivo trabalho de pesquisa, reunindo em suas páginas registros importantes da evolução e modernização dos processos industriais em nosso estado, dentre os textos produzidos, escolhemos o que analisa a gênese e o desenvolvimento do setor industrial do atual estado da Paraíba, tendo como recorte temporal o final do século XIX, focando nas atividades dos engenhos-curtumes-tecelagens, partindo da manufatura agroindustrial, ancorada especialmente na cana-de-açúcar e no algodão, e que se constituía na “pedra de toque” da economia paraibana nos primeiros momentos da montagem do seu setor industrial, tendo como ponto de chegada a emergência poderosa do setor têxtil nos anos 80.

**Palavras-chave:** Engenhos. Curtumes. Tecelagens.



## **RESUMEN**

Este artículo es el resultado de la experiencia en el proyecto de investigación vivenciada *Memorial FIEP 60 años Seis Décadas* de las Acciones de Transformación realizada en los años 2008 a 2009. Este logro fue destinado a modernizar la organización y la colección iconográfica de la contabilidad FIEP. Alem de un libro conmemorativo, un resultado del trabajo de investigación extensa, sentados en sus páginas de documentos importantes de la evolución y modernización de procesos industriales en nuestro estado, entre eligió los textos producidos, que examina la génesis y el desarrollo del estado actual de la industria de Paraíba teniendo como tiempo de fines del siglo XIX, centrándose en las actividades de los molinos-bronceados-tejidos, de la producción agro-industrial, basada especialmente en la caña de azúcar y el algodón, y que constituía la "piedra angular" de la economía de Paraíba en las primeras etapas de la asamblea de su sector industrial, con el punto de llegada para el surgimiento de la industria textil de gran alcance en los años 80.

**Palabras claves:** Molinos. Bronceados. Tejidos.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto da experiência vivenciada no projeto de pesquisa *Memorial FIEP 60 anos- Seis Décadas de Ações Transformadoras*. Realizado nos anos de 2008 a 2009, tendo como professora coordenadora Maria José Silva Oliveira, da Universidade Estadual da Paraíba. Tal realização teve como objetivo a montagem e a modernização do acervo iconográfico sexagenário da FIEP, instituição importante no processo de industrialização no estado da Paraíba.

Além da escrituração de um livro comemorativo, resultado de um extensivo trabalho de pesquisa, reunindo em suas páginas registros importantes da evolução e modernização dos processos industriais em nosso estado, biografias dos presidentes da FIEP, além dos órgãos que compõem o sistema FIEP - SESI/SENAI/IEL, que também contribuíram/contribuem com o setor industrial e social.

A cronologia construída no *Memorial FIEP* nos ajuda a compreender como a indústria paraibana tem conseguido avançar no desenvolvimento, tornando-se cada vez mais competitiva, da agroindústria do final do século XIX, ancorada na produção do açúcar e posteriormente no emergente algodão, nas primeiras décadas do século XX, até o despertar poderoso da indústria têxtil no raiar dos anos 80.

Tal empreendimento será realizado predominantemente por meio do estudo de um corpus documental bibliográfico, privilegiando as produções historiográficas de autores que se debruçaram sobre as questões locais do estado da Paraíba e que contribuíram de forma positiva para o vir a ser da historiografia paraibana. Nesse sentido, esperamos também contribuir para o fomento da pesquisa científica do nosso campo de produção do conhecimento historiográfico.

A parceria firmada entre a Universidade Estadual da Paraíba e a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba para realização do projeto *Memorial FIEP 60 anos- seis décadas de ações transformadoras*, colocou ao alcance das mãos uma memória da indústria na Paraíba, além de honrar para com objetivos da universidade, em termos de pesquisa e extensão.

Como marca dessa parceria exitosa, ofereço o primeiro texto publicado no livro comemorativo *Memorial FIEP seis décadas de ações transformadoras*.

## 1. Dos engenhos, curtumes e tecelagens

Em que consistia a industrialização na província da Paraíba a partir de meados do século XIX? O que são os engenhos? O que são curtumes? Para o sociólogo Gilberto Freire em seu Opus Maximus “*Casa-Grande & Senzala*”, os engenhos se constituíam em um:

complexo sociocultural que se construiu na zona florestal úmida do litoral nordestino do Brasil, com base na monocultura latifundiária de cana-de-açúcar, na força de trabalho escrava, quase exclusivamente negra; na religiosidade católica impregnada de crenças indígenas e de práticas africanas; no domínio patriarcal do senhor de engenho, refluído na casa-grande. (FREYRE, 2001, p.28-29)

É neste colorido e complexo cenário ilustrado por Freyre que situamos a Paraíba, nos idos do século XIX, com sua economia centrada na manufatura agroindustrial, com base na cana-de-açúcar e posteriormente no emergente algodão que se apresentava como a “pedra de toque” da economia desta província.

A concorrência com o açúcar batavo causava a queda desse produto no mercado internacional, possibilitando ao algodão assumir o papel de destaque na economia paraibana, como declara o historiador Aécio Villar de Aquino:

De início competido, quase em condições de igualdade, o algodão vai pouco a pouco adquirindo vantagens sobre o açúcar e antes do término da primeira metade do século, já figurava em primeiro lugar nas exportações da Província (AQUINO, 1993, p.131).

O açúcar era refinado na província com métodos artesanais de fabrico.

A precariedade se evidenciava nas moendas movidas por tração animal, por cavalos e bois, processo custoso e dispendioso, pois essas moendas necessitavam de seis ou oito repetições para extrair a matéria-prima da cana de açúcar.

Ressaltando que os engenhos d’água pouco eram utilizados, já que as planícies da várzea do Paraíba não ofereciam os desníveis necessários à movimentação daquelas engenhocas.

No que tange os engenhos movidos a vapor, há portanto, registros que eles tenham chegado à Paraíba, tardiamente, em 1882 do século XIX, na mesma década em que entraria em funcionamento, o primeiro engenho central, que segundo Aécio Villar de Aquino:

Trazia o engenho central, algumas inovações, utilizando a tração a vapor; era uma fábrica de maior capacidade em que o setor industrial estava separado do agrícola, recebendo canas de outros engenhos e de plantadores independentes. A experiência constituiu-se num verdadeiro fracasso por [...] desentendimentos entre a direção e os fornecedores de cana, irregularidades no fornecimento de cana, falta de controle de preços e avultando sobre os demais fatores negativos, o eterno e magno problema de carência de capital (AQUINO, 1993,p.134).

Segundo o autor, as dificuldades da Paraíba em ingressar no cenário da industrialização brasileira no século XIX, são atribuídas às engenharias políticas e ao atraso tecnológico, tendo como consequência os insucessos econômicos deste setor.

Pode-se vislumbrar, portanto, que o setor industrial em sua infância, apresentava-se de forma bastante pálida, insuficiente para a economia da província.

Esse quadro pouco se modificou na recém nascida República, este espaço regional apresentava pouco mais de duzentos estabelecimentos, que majoritariamente eram micro-oficinas ou unidades fabris de caráter semi-artesanal, empregando de cinco a dezenove trabalhadores em média por cada unidade.

A Paraíba republicana apresentava três segmentos do setor industrial com base no número de estabelecimentos, a exemplo das cinco fábricas de couro (curtumes), às cinco de tecido e oito indústrias de beneficiamento de algodão com grande destaque para a produção têxtil com a implantação da indústria de Tibiry, localizada no município de Santa Rita, cuja fundação se deu nos anos de 1891, do século XIX.

Esse município funcionava com trezentos e oitenta e um teares e com um quadro de seiscentos e cinquenta trabalhadores. Já no município de Mamanguape, a fábrica têxtil de Rio Tinto, fundada no ano de 1924, pertencente à família Lundgren de Pernambuco, era de grande porte, equipada com setecentos e sessenta teares e treze mil fusos.

Operando em escala menor No estado da Paraíba, estavam as fabriquetas localizadas em outras cidades, tomando por exemplo, Campina Grande e Areia, que empregavam, em média, cinquenta operários por estabelecimento.

O desenvolvimento do setor têxtil no município de Campina Grande, segundo o economista Luiz Gonzaga de Sousa, era um prolongamento da industrialização desses municípios:

Com isto, surgiram as primeiras fábricas em Campina Grande, como foi o caso das fábricas de beneficiamento de algodão e de sisal. Com o advento do setor de transformação, surgiram a SAMBRA, a ANDERSON CLAYTON e a MARQUES DE ALMEIDA e poucas outras empresas que tinham a finalidade de beneficiar produtos da terra para o uso doméstico e até mesmo exportar. Foi desta forma que apareceu a Indústria Têxtil em Campina Grande.( SOUSA,1996, p. 74)

O setor têxtil se fez hegemônico nas primeiras décadas do século XX, comportando o maior número de estabelecimento industrial e empregando mais de 50% dos operários na Paraíba, acompanhado pelo setor de transformação de alimentos, deixando a terceira posição para o setor de minerais não metálicos. Entrando em crise, nos anos quarenta do século XX, primeiro por não acompanhar a modernização dos avanços tecnológicos, desenvolvida no centro sul do país que passava a inserir no setor, além de novas técnicas de produção, as máquinas de maior porte tecnológico que concentravam as atividades de beneficiamento, diminuindo os custos do produto, segundo pela política de financiamento das grandes indústrias têxteis que sofriam com a crise comercial do seu produto, instaladas na Paraíba e que açambarcavam a produção local como aponta a socióloga Martha Lúcia Ribeiro:

Firmas como a SAMBRA e a CLAYTON, financiavam os pequenos produtores, porém após a colheita, determinavam os preços, em detrimento dos produtos, desestimulando, assim, a produção (ARAÚJO,1999, p.111)

A cidade de Campina Grande, nos anos 60 do século XX, assistiria ao surgimento de novas indústrias e a proliferação do número de funcionários por estabelecimentos, superando a capital político-administrativa da Paraíba, João Pessoa,

que detinha os maiores índices de crescimento industrial na década de 40 do século XX. Campina Grande destacou-se pelo seu vigoroso crescimento industrial e pela histórica vocação comercial local e para além dos limites do estado.

Observa-se, ainda, que o município de Campina Grande passa a ser beneficiado com a política de industrialização promovida pelo governo federal, possivelmente por ser a cidade mais desenvolvida do Estado da Paraíba neste momento, em decorrência desse privilégio adquiria importância significativa no cenário regional.

Evidentemente, havia na região nordeste, outros centros mais desenvolvidos que Campina Grande, no entanto, se tomarmos o desenvolvimento vivenciado por esta cidade e compararmos com a situação geral do nordeste, chegaremos a conclusão de que Campina Grande se desenvolvia muito mais que várias cidades dessa região.

Para Raimundo Moreira, as políticas públicas implementadas na região eram, geralmente, ineficazes e atrasadas, como mostra essa citação comparando as políticas de desenvolvimento do nordeste e do centro-sul:

[...] Desenvolvia-se no Centro-Sul uma política de inversões dentro de um programa orientado com objetivos definidos, visando à industrialização, enquanto no Nordeste se levava a cabo uma política “assistencialista”. A ação governamental no Nordeste centrava-se na política de combate às secas e tinha efetivamente um caráter filantrópico [...] (MOREIRA, 1979, p. 32-43).

No entanto, para o autor de *Tempos de desenvolvimento e crise na economia campinense*, Lima (2004, p.48): “essa realidade global do nordeste não se reflete em Campina Grande, ao contrário, ao entrar nos anos cinqüenta, o município já se destacava como um centro industrial em franca ascensão e continua durante toda a década”.

O crescimento era tanto que, em 1959, Campina Grande tinha 111 estabelecimentos industriais, enquanto João Pessoa tinha 93 estabelecimentos.

Em termos quantitativos, o número de indústrias, de habitantes, de lojas de comércio, somando-se ainda sua importância como pólo comercial de algodão, fazia dessa cidade um centro propulsor de crescimento econômico. Além disso, apresenta a situação de desenvolvimento que estava inserida Campina Grande.

E com o funcionamento de um curso como o de Ciências Econômicas, que seria de fundamental importância, devido essa cidade se encontrar em processo de industrialização. Para Lima:

A cidade participou da preparação do projeto de industrialização, desde as primeiras discussões sobre a mudança na política oficial para região Nordeste e já se destacava no Estado [...] a única cidade do interior do Brasil, não capital de Estado, que tornou-se sede de um órgão de liderança do processo de industrialização do país, a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba – FIEP. LIMA, 1999,p.123)

No ano de 1959, a cidade sediou o I Encontro dos Bispos do Nordeste, evento realizado com a finalidade de encontrar alternativas para a dinamização e o desenvolvimento da região. Para sanar os problemas que afligiam o nordeste, o governo federal ofereceu incentivos fiscais para implementar o desenvolvimento da região.

Era criada, em 15 de dezembro de 1960, a SUDENE e, a partir daí criava-se juntamente com o órgão as condições necessárias para que o centro dinâmico da região nordeste, antes exportador e primário, fosse substituído pelo setor industrial, para onde foram canalizados os investimentos do governo federal.

Oferecendo facilidades não verificadas em outras cidades, Campina Grande conseguiu estrategicamente atrair novas indústrias no início da década de 60 do século XX, beneficiando-se do órgão recém-criado como destacou o historiador Damião de Lima no período compreendido entre 1961 e 1965:

Foram aprovados pela SUDENE, para Campina Grande, 9 projetos, sendo 5 de implantação de novas indústrias e 4 de modernização das indústrias já existentes. Entre esses projetos, dois merecem destaque: o Projeto de Implantação da Campina Grande Industrial Ltda [CANDE], produtora de tubos plásticos e, principalmente, o Projeto de Implantação da WALLIG NORDESTE S/A, empresa de grande porte, produtora de fogões a gás liquefeito (LIMA, 1999,p.124-125)

Pela primeira vez na história, o setor secundário superava o terciário campinense, empregando mais 16.300 pessoas no início da década de 60 do século XX. A industrialização era vista como a panacéia para os problemas sociais da cidade, criando um clima de otimismo e confiança no desenvolvimento do setor industrial.

Nesse sentido, podemos citar o discurso de Newton Rique, empresário e político campinense, afirmando que:

A industrialização de Campina Grande vem sendo o desejo dominante no seio da classe produtora e chegou às massas trabalhadoras sob a forma de uma aspiração coletiva, capaz de solucionar com todo o cortejo de males que ele acarreta. [...] Julgo que é chegado o momento de uma poderosa intervenção do governo municipal para, dirigir, fomentar e disciplinar um maior surto desenvolvimentista, através da industrialização em maior escala no município (RIQUE,1963)<sup>1</sup>

A política desenvolvimentista de concessões e incentivos fiscais da SUDENE garantiu o amadurecimento do setor calçadista da Paraíba, que teve participação discreta na economia local nas primeiras décadas do século XX, modernizando o pólo coureiro-calçadista do estado, a partir da vinda de estabelecimentos de peso deslocados das regiões centro-sul para a Paraíba, como a BESA, a AZALÉIA e a PARC, implantadas em Campina Grande, o que transformou o município no maior distrito calçadista da Paraíba.

Os anos 70 e 80 do século XX foram marcados pelo impressionante volume de empregos gerados pelo setor de calçados, sobretudo em Campina Grande, mas a concentração técnica e econômica garantiram à indústria calçadista a sua afirmação, o seu “lugar ao sol” como setor vetor de desenvolvimento na economia do estado da Paraíba.

Em Campina Grande, este setor teve um rápido apogeu no período de 1937 a 1945, contando com mais de trinta novas indústrias, fenômeno efêmero discutido pelo professor de economia da UFCG, Luiz Gonzaga de Sousa, o qual afirma:

Depois desta fase, como em todo ciclo econômico, muitas destas indústrias faliram, inclusive Luiz Gomes Bezerra, o ‘Lula Gato

---

<sup>1</sup> CÂMARA MUNICIPAL. Discurso do ex-prefeito Newton Rique, na entrega do Projeto de Criação do Fundo Municipal de Industrialização de Campina Grande [FUMINGRA]. Campina Grande, 13 de dezembro de 1963 do século XX.



Preto', tendo em vista as peculiaridades da economia da época provocaram crise (SOUSA, 1996,p.76).

Diametralmente diferente do município de João Pessoa, no que tange a constituição de um aglomerado de empresas de calçados, possibilitada pela atração de empresas vindas de outras regiões do país, em Campina Grande, a indústria calçadista surgiu no início do século XX, enquanto indústria artesanal de beneficiamento e produção de artigos de couro, possibilitada pelo comércio do algodão, força propulsora da agropecuária que foi beneficiada pela localização geográfica do município, como destaca Damiano de Lima:

Campina Grande, localizada no interior do Estado da Paraíba, destacou-se no cenário nordestino, desde sua origem, como um importante entreposto comercial e um elo entre o interior do Estado e a capital e também o estado de Pernambuco (SOUSA, 1999, p.121)

Na história da formação do setor coureiro-calçadista da Paraíba, percebemos tanto a presença de pequenos grupos formados por pequenos produtores pioneiros como os Mota em Campina Grande, que durante a Segunda Guerra Mundial tinham a sua produção total de fabricação de botas vendida para o exército brasileiro, como também um grupo pequeno de grandes empresas vindas do centro-sul do país, primeiramente instaladas na capital do estado, estiveram presentes na construção, no desenvolvimento e no crescimento desse importante setor industrial.

Sobre o desenvolvimento deste setor na cidade de Campina Grande assinala Egidio Luiz Furlanetto:

O período [...] entre o pós-guerra até o final dos anos 50, houve [...] um desenvolvimento do setor coureiro no Estado da Paraíba com aumento das exportações, com Campina Grande constituindo-se o principal pólo coureiro do Estado [...] do Nordeste (FURLANETTO, 2004, p. 4).

Campina Grande viria, assim, a se tornar o principal pólo coureiro do estado da Paraíba e do nordeste. Este importante setor da indústria na economia paraibana seria suplantado apenas pelo setor têxtil, que nos anos 80 emergiria de forma poderosa, afirmando-se, graças à política de atração das grandes empresas, que continuou sendo praticada pelo governo do estado da Paraíba.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Os métodos artesanais de fabrico, os processos custosos e dispendiosos são hoje parte de uma página virada, o ingresso da Paraíba no mundo da produção em serie, do mundo fabril ordenado e disciplinar, conceitos que soam familiares aos ouvidos dos nossos pares em nosso campo, foi garantido pela superação dos entraves políticos e dos atrasos tecnológicos no modus operandi de produção.

Este setor produtivo construído ao longo do tempo neste espaço regional, marcado por suas singularidades, vem realizando no inicio do novo milênio, um significativo esforço para adaptar-se às transformações do mundo globalizado que desafiam os paradigmas básicos de produção com as suas novas tecnologias e os seus modelos imperativos de gestão, que forçam as indústrias a repensar de forma rápida e flexível o seu fazer.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, Aécio Villar de. Economia e Instituições Sociais na Paraíba do século XIX – a agroindústria açucareira In: OTÁVIO, José & RODRIGUES, Gonzaga (Orgs). **Paraíba: Conquista, Patrimônio e Povo**. 2ª ed. João Pessoa: Edições Grafset. s.d.

ARAÚJO, Martha Lúcia Ribeiro. Tempos de crise e decadência na economia paraibana. In: LIMA, Damião Et. all. **Estudando a História da Paraíba**. Campina Grande, Gráfica Marcone, 1999.

CÂMARA MUNICIPAL. Discurso do ex-prefeito Newton Rique, na entrega do Projeto de Criação do Fundo Municipal de Industrialização de Campina Grande (FUMINGRA). Campina Grande, 13 de dezembro de 1963.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**. 42. Ed. Rio de Janeiro: Record. 2001.

FURLANETTO, Egidio Luiz. Furlanetto (UFCG). Trajetória da indústria de curtumes da Paraíba: rumo a extinção ou nascimento de uma nova indústria? XXIV Encontro Nac. de Eng. de Produção - Florianópolis, SC, Brasil, 03 a 05 de nov de 2004. Disponível em: [http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGETP2004\\_Enegep0704\\_0808.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGETP2004_Enegep0704_0808.pdf). Acesso em: 07/11/2010.

LIMA, Damião de. **Impactos e repercussões sócio-econômica das políticas do governo militar no município de Campina Grande (1964-1984)**. Tese de Doutorado. CH/USP - São Paulo. 2004.

LIMA, Damião de. **Tempos de desenvolvimento e crise na economia campinense**. In: LIMA, Damião Et. all. **Estudando a História da Paraíba**. Campina Grande, Gráfica Marcone, 1999.

MOREIRA, Raimundo. **Uma Política Regional de Industrialização**. Rio de Janeiro:  
Ed.  
Paz e Terra, 1979.

SOUSA, Luis Gonzaga de. **Movimentos da Vida**. João Pessoa. Ed. Universitária. 1996.